

VICTOR HUGO

Folha da Manhã – 14 de julho de 1935.

Victor Hugo é o século XIX. Sentiu a soberba inquietação universal do século que passou. Foi um farol. Foi um dos homens que mais soube interpretar a tristeza cósmica e que mais consciência teve do sofrimento humano. Por isso é que foi todo o século XIX.

Nele, a literatura fez-se mais intensa, mais profunda, mais trágica, porque ele sentiu como ninguém a tragédia social da humanidade inteira. Foi um espírito em completa harmonia com o meio. Nascido num ambiente terrível de lutas desastrosas, foi um formidável lutador tirando das complexidades da vida, dos mais variados e desconhecidos sentimentos do homem, a real tradução da angústia humana.

Com Victor Hugo, a frase de Protágora ganhou mais razão de ser e, mais do que nunca, vimos que, como verdade, “o homem é a medida de todas as coisas”. A sua obra é um mundo. Age em torno do espírito, buscando o abismo imenso da alma do homem. É uma obra que vive, que sempre viverá porque exprime algo de novo.

Victor Hugo não foi somente um criador supérfluo de imagens mirabolantes. Foi um homem que, no seu tempo de há quase um século, viu com mais intensidade e profundidade o viver da vida. Foi um homem que viveu, que viveu verdadeiramente integrado na “grande vida”.

Como afirma Pierre Descaves, “não houve êxito literário mais completo que o de Victor Hugo. Conhecido desde os dezoito anos, célebre aos vinte e sete, ilustre aos trinta e cinco, acostumado às mais embriagadoras carícias da fama, admirado por gente culta e pelo povo, poeta quase laureado nos reinados de Luiz XVIII e Carlos X, par da França no reinado de Luiz Felipe, viveu até aos quarenta e cinco anos como um príncipe das letras; desterrado no reinado de Napoleão III, o desterro torna ainda mais simpática a sua figura. De regresso à França depois de 1870, morre em plena apoteose, arrastando atrás do seu coche fúnebre um povo tão orgulhoso do seu poeta que suas exéquias mais parecem um triunfo supremo, a festa de um gênio, celebrada por uma grande nação. Repousou durante as primeiras horas do seu último sono debaixo do Arco do Triunfo, que já havia cantado em seus versos, único francês que obteve essa honra antes do soldado desconhecido e dos vencedores da grande guerra”.

Não houve vida nem morte mais magnífica. Nem o trágico Musset, nem o irônico Anatole, nem o sarcástico Voltaire, nem o sentimental Baudelaire conquistaram tanto o coração do mundo. Nem mesmo o cético Goethe agitou tanto, arrebatou tanto quanto Victor Hugo.

* * *

Quando lemos a Victor Hugo, todos nós que vivemos dentro deste mundo do século XX sentimos uma ânsia feroz de revolução. E essa ânsia feroz de revolução vem quando conseguimos penetrar no inacessível, na região do abismo e do silêncio, na região da verdade e do mistério, como diria o nosso Farias Britto, levados pelo gênio, região “onde os nossos ouvidos não ouvem o som e os nossos olhos não vêem a luz – o que faz que nossa consciência nada possa aí perceber e se sinta aniquilada e como morta. Região do ser sem relações e da unidade sem pluralidade, ou antes das idéias eternas, onde o pensamento é ação e a idéia é ato; o que quer dizer que aí a palavra é corpo e as idéias coisas vivas e reais... É a região da transcendência dinâmica, do infinito positivo e real; ou, mais claramente, da consciência idêntica à existência, da ação idêntica ao conhecimento; do ser imutável e eterno, superior a todo o número como a toda a grandeza; inacessível a toda a

visão como a todo pensamento; onde a mais alta consciência a si mesmo se desconhece e a luz, por assim dizer, se oculta nas trevas, o que significa que toda consciência limitada desaparece e totalmente se anula como fragilíssima luz no fundo do mais insondável abismo”. É a região do gênio. É a região das verdades perenes. Aí todas as coisas são claras, todos os fenômenos possuem a sua explicação, e mesmo a vida tem outro sentido. É a região do iluminado. Para a inteligência mediana, nada apresenta de atraente, de sedutor. Para o gênio, aquela escuridão é a luz; aquele silêncio o rumor da verdade; aquele abismo a profundidade grandiosa das coisas. A escuridão lhe permite apalpar o vácuo; o silêncio o faz compreender o próprio sentimento; o abismo o dá a impressão verídica das verdades eternas. É a região inacessível, misteriosa e sombria onde viveram Victor Hugo, Goethe e Byron. Lá, todos eles sentiram a verdade, e a verdade, de todos eles, fez gênios, pois os fez sentir o cosmos no milagre da criação.

* * *

Neste momento em que Paris toda inteira festeja o meio século da morte de Victor Hugo, nos vimos também interpretar o pensamento do gênio.

O homem que se julga grande, o homem que no seu íntimo se julga superior, é o homem medíocre. O gênio é um homem igual a todos nós, todavia com mais compreensão das coisas e do mundo. O gênio é o autêntico homem massa, homem coletivo, homem social; o homem que sente por todos os homens, que sente pela coletividade, que sente pela sociedade. A grandeza do homem-gênio está em sentir mais do que nós outros sem deixar de ser igual a todos nós. Por isso não se pode dizer que o autor de “La legende des siècles” não foi um gênio, pois ele o foi na verdade. O que o fez cair na antipatia de muitos foi a sua coragem de afirmações audaciosas e severas, mas reais e verdadeiras. Perscrutador do coração humano, analisador da natureza do homem, não podia deixar de ter inúmeros inimigos. Assim foi Victor Hugo.

Ainda hoje, passados já cinquenta anos de sua morte, os adversários de Victor Hugo medram por toda parte, procurando diminuí-lo, torná-lo vulgar e grotesco.

Que qualificativos empregar para essa gente? Artista dos mais finos, o autor de “Les Misérables” tem de ser compreendido como um sofredor, como um homem que acumulou em si, dentro de si mesmo, a ânsia revolucionária e libertária de uma época. Surgiu para a vida no período mais crítico da revolução francesa. Viu o desencadear do ódio burguês contra a aristocracia e o clero, viu a marcha fracassada dos miseráveis com o retorno vitorioso da monarquia absoluta. E viu ainda, com tristeza incontida, todo o povo francês recalçando raivosamente aquele sentimento de rebeldia provocado pelas promessas agradáveis de Jean Jacques Rousseau e pelas ironias pérfidas de Voltaire, que, ao mesmo tempo que dormia em aristocráticos leitos, pregava a emancipação do absolutismo horroroso de classes privilegiadas. Só assim podemos compreender a Victor Hugo, porque ele não fugiu ao movimento romântico do século XIX, mas o seu romantismo não foi o romantismo de Chateaubriand nem o romantismo de Goethe. Se Goethe e Chateaubriand foram tradutores de romantismo todo pessoal, Hugo, muito pelo contrário, foi possuidor de um romantismo social: o romantismo da revolução francesa.

* * *

Victor Hugo, como já dissemos, pertence ao século que passou e foi quem melhor sintetizou a rebeldia revolucionária do século XIX na literatura. É dentro daquele século, portanto, que ele necessariamente tem de ser estudado, dentro mesmo de sua própria geração.

Este é o erro mais pueril que divisamos logo de início em todos os adversários intransigentes de Hugo. Eles querem, como Georges Batault, analisar a personalidade do poeta de “Les orientales” à luz do nosso tempo! O que é impossível. Victor Hugo representa um período autônomo da história universal, e somente dentro deste período autônomo pode a sua obra ser satisfatoriamente interpretada.

O que não acontece com o exame da obra de um Balzac, de um Tolstoi, de um Dickens, acontece com o exame da obra de Victor Hugo.

Até hoje ninguém deixou de traduzir o pensamento socialista de Tolstoi afastado da época em que viveu o romancista russo. O mesmo acontece com

Dickens e Balzac. E, no entanto, com Victor Hugo tal, infelizmente, parece não se dar. Há uma certa ojeriza para com o poeta francês. Mas de onde surgiu esta ojeriza tão prejudicial? Podemos responder: das próprias forças que desencadearam a revolução francesa. Victor Hugo viveu num conflito fantástico de idéias e, melhor do que qualquer outro escritor do seu tempo, soube sentir todo aquele conflito de ideologias contrárias.

Foi um bem ou foi um mal? Não podemos discutir tal coisa. Exaltemos o gênio. Exaltemos um homem que foi capaz de integrar-se na tristeza cósmica para sentir o todo universal.

Georges Batault, no seu livro “Victor Hugo – Le pontife de la demagogie”, não sabendo dar este sentido que damos à vida e à obra de Victor Hugo, faz o maior ataque possível de se fazer a um homem de gênio. É violento, cruel e injusto. E, para avaliarmos a intensidade do ataque de Batault, basta-nos dizer que Claude Farrère, lendo este escritor, chegou a afirmar sem preâmbulos “que Victor Hugo foi indubitavelmente o imbecil mais formidável do século XIX”. Se não fosse a autoridade de Farrère, recebido ultimamente na Academia Francesa, o indivíduo que tivesse a ousadia de tal frase seria repellido como louco... Precisamos concluir: tanto Claude Farrère como Georges Batault não foram sinceros. A glória de Victor Hugo permanece intacta e sua obra continua como continuará a ser patrimônio valioso da humanidade. Não admira que um livro como esse tenha provocado discussões. O que admira é que um escritor da estatura de Farrère faça afirmações ofensivas tão ridículas. Mais uma vez exaltemos o gênio! Exaltemos o homem que foi capaz de integrar-se na tristeza cósmica para sentir o cosmos. Só assim seremos capazes de compreender a Victor Hugo.